

## PROFESSORES E ALUNOS UNIVERSITÁRIOS DAS LICENCIATURAS EM REDE SOCIAL: *inter-relações na cultura digital*

Maria Cristina Lima Paniago  
Gabriele Burgo

### RESUMO

Esta pesquisa está integrada ao Grupo XXX, que vem desenvolvendo o projeto de pesquisa intitulado “Cultura Digital em uma Universidade Intercultural: Relações entre Tecnologias, Professores e Alunos”. A presente proposta tem por objetivo geral analisar a cultura digital desenvolvida por professores e alunos universitários das licenciaturas em rede social e suas implicações nas práticas educativas. Para tanto, é apresentada uma investigação bibliográfica acerca da temática trabalhada, como também uma pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa com a coleta de dados realizada por meio do *Facebook*. Mais especificamente, buscamos identificar como o *Facebook* influencia e implica nas práticas educativas, os prós e contras da utilização desta mídia social dentro da sala de aula. Os resultados alcançados apontam que as Redes Sociais e a Interatividade Tecnológica podem estar presentes no contexto acadêmico. Entretanto, ainda aparecem de forma pouco explorada, já que alguns docentes sequer possuem um perfil na rede social e a mesma ainda não é vista como um outro espaço para a aprendizagem. Compreendemos que as inter-relações professores e alunos no *Facebook* pode colaborar no processo educativo com mais afetividade entre seus participantes. Entretanto, ainda há muito a ser explorado, estudado e investigado no sentido de enxergar esta rede como mais um ambiente em que interatividade e aprendizagem dialoguem.

**Palavras-chave:** *Facebook*. Interatividade. Práticas Educativas. Afetividade.

### ABSTRACT

This research is part of the Study and Research Group on Educational Technology and Distance Education (GETED), which has been developing the research project entitled “Digital Culture in an Intercultural University: Relations between Technologies, Teachers and Students”. This proposal aims to analyze the digital culture developed by teachers and university students of undergraduate social network and its implications on educational practices. To this end, a bibliographic investigation about the theme is presented, as well as a field research with a qualitative approach with data collection through *Facebook*. More specifically, we seek to identify how *Facebook* influences and implies in the educational practices, the pros and cons of using this social media within the classroom. The results show that social networks and technological interactivity may be present in the academic context. However, they still appear little explored, since some teachers do not even have a profile in the social network and it is not yet seen as another space for learning. We understand that the interrelationships of teachers and students on Facebook can collaborate in the educational process with more affection among its participants. However, much remains to be explored, studied and investigated in order to see this network as another environment in which interactivity and learning dialogue.

**Keywords:** *Facebook*. Interactivity. Educative Practices. Afetivity

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar a cultura digital desenvolvida por professores e alunos universitários das licenciaturas em rede social e suas implicações nas práticas educativas de uma universidade confessional do Centro-oeste. Mais especificamente, analisar as inter-relações de professores e alunos universitários das licenciaturas no contexto do *Facebook*, suas implicações nas práticas educativas.

Em relação ao perfil dos participantes, vale salientar que eles foram escolhidos após ser feita uma lista de docentes que ministram aulas em todos os cursos de licenciatura da universidade. O fator da escolha entre os professores das licenciatura foi possuir perfil no *Facebook* e possuir perfil aberto. Além disso, também consideramos com fator excludente, professores que publicavam com pouca frequência. Em relação aos alunos, foram escolhidos por meio do perfil dos docentes, aqueles que tinham amizade virtual com os docentes participantes e também possuíssem perfil aberto.

Optamos por uma pesquisa qualitativa a qual possibilita um maior aprofundamento nas análises e resultados e não se preocupa com parâmetros estatísticos. Além disso, é importante ressaltar que além da coleta de dados na rede social, por ser pesquisadora e acadêmica ao mesmo tempo, a vivência em sala de aula como aluna nos possibilitou um maior aprofundamento na temática da pesquisa.

De forma a chegar aos objetivos desta pesquisa para a produção de dados foram observados primeiramente, quais tipos de publicações obtinham mais interatividade – a interatividade foi considerada não só com comentários, mas com compartilhamentos e curtidas –, se as com imagens, vídeos ou apenas texto. Após isso, observou-se o quanto dessas publicações eram destinadas ao meio acadêmico e se a mídia social estava sendo utilizada com o intuito de gerar alguma aprendizagem.

O trabalho organiza-se em seis partes: metodologia, cujo modo como a pesquisa foi construída encontra-se de maneira detalhada; fundamentação teórica sobre as TIC e interatividade; um breve histórico sobre o *Facebook* e seu uso na educação; análise e conclusões obtidas por meio dos dados coletados no perfil da rede social e algumas considerações, com as ponderações a respeito do tema desta pesquisa.

## Metodologia

Para começar a discorrer sobre a elaboração desta pesquisa, é importante ressaltar que se trata de uma pesquisa qualitativa que tem como características dados descritivos, inserção direta do pesquisador no ambiente pesquisado, sempre considerando a perspectiva dos participantes, com foco no processo e não no produto, valorizando o ambiente natural que oferece os dados e o pesquisador como principais instrumentos de investigação (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A pesquisa é, também, bibliográfica para um estudo de natureza teórica, visto que ao delimitar um tema é essencial buscar uma revisão de literatura adequada para subsidiar a discussão e problematização da pesquisa. Para responder aos objetivos propostos, foram utilizadas as postagens disponibilizadas no *Facebook* e também o contexto da sala de aula presencial, ambos articulados com foco nas inter-relações de professores e alunos.

Originalmente a ideia era que se fizesse um grupo no *Facebook* com discentes e docentes de uma universidade confessional no estado de Mato Grosso do Sul, exclusivamente para as interações que seriam relacionadas ao processo de investigação da pesquisa. Contudo, tanto professores quanto alunos já possuem perfis em redes sociais, por isto, preferimos utilizá-los como dados e investigá-los.

Os acadêmicos e professores da universidade participantes da pesquisa deveriam ser da área de licenciatura, na pesquisa anterior focando apenas no curso de Letras, porém agora se abrindo para os outros cursos da licenciatura sendo eles: Biologia, História, Pedagogia e Letras. Para começar a escolha dos participantes, foi realizada uma listagem com o nome dos professores de todos os cursos. Após, foi feita uma busca no *Facebook* para ver quem possuía perfil na rede social, cujo fator de eliminação era docente com perfil fechado. Também consideramos como um outro fator excludente, professores que publicavam com pouca frequência.

Por haver um grande número de professores e poucos presentes nas redes sociais ou bem interativos nela, foi feita a escolha de ao menos um professor de cada licenciatura, podendo ser também um professor que ministrasse aulas em todas as 04 licenciaturas citadas.

Por fim, duas professoras foram selecionadas por serem as mais ativas em publicações e interações na rede. Tais professoras dão aula para todos os cursos de licenciaturas, fazendo parte das disciplinas listadas como “Licenciatura Geral”, as quais os

acadêmicos chamam de “eixo”. As salas de eixo promovem uma grande interação entre os cursos, pois lá os acadêmicos têm aulas com colegas de todos os cursos de licenciatura da universidade, as professoras lecionam disciplinas que serão necessárias para compreender, auxiliar e orientar os acadêmicos após se formarem e irem para uma sala de aula serem os educadores.

A seleção dos alunos foi feita mediante a observação do perfil das duas professoras selecionadas. Primeiramente, observamos quais alunos tinham uma amizade virtual com as professoras na rede social e quais mais interagiam comentando e compartilhando publicações. Esses foram escolhidos para serem analisados junto às educadoras, totalizando então, duas professoras e quatro acadêmicos do 5º semestre, sendo um de cada licenciatura. Com os participantes já escolhidos, o processo passou a ser a coleta de dados que buscou postagens que fossem articuladas ao mundo acadêmico e que pudessem promover interatividade entre professor-aluno, além de auxiliar na aprendizagem em sala de aula.

As postagens analisadas são de um período de um ano, ou seja, foram analisadas as postagens que as docentes e alguns discentes publicaram ao decorrer deste período para poder buscar a interatividade e o uso do *Facebook* como um auxílio na aprendizagem. As análises foram feitas sob embasamento teórico estudado para aprofundamento no tema, dialogando com o foco da pesquisa.

### **Tecnologias da informação e comunicação e a educação**

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) foram desenvolvidas para um objetivo comum, interação entre pessoas. Esses recursos tecnológicos são usados para que haja comunicação e socialização de informações de pessoa para pessoa, no meio virtual e presencial. Elas possibilitam o diálogo instantâneo mesmo havendo uma longa distância entre os indivíduos, povos se comunicando de nação a nação em segundos.

Na educação não é diferente, cada vez mais estamos sendo levados ao ensino-aprendizagem online, por meio de sistemas integrados com instituições de ensino. Mas também, mesmo que essa evolução online esteja em ascensão, na educação presencial, por exemplo, isso também ocorre, com aparições dos mais diversos recursos tecnológicos e inovadores auxiliando o ensino dos professores, possibilitando um ensino-aprendizagem mais colaborativo, interacionista e comunicativo em relação a sanar dúvidas mais comuns ou

complexas. Esta possibilidade, para a educação, tem sido vista como vantajosa, pois pode promover diálogos, trocas, produção de outros conhecimentos de maneira mais partilhada e colaborativa.

As TIC representam um grande avanço, com a criação de novos ambientes virtuais, pois os alunos gozam da oportunidade de se relacionar com outros colegas a fim de interagir sobre novas experiências e informações. Os docentes por sua vez, podem usá-las para a realização de trabalhos em grupo, debates e fóruns, tornando o ensino-aprendizagem mais participativo. É possível concluir que as TIC se tornaram uma somatória no contexto educacional quando aliadas à democratização da informação e à inclusão digital e social.

As instituições de ensino, conhecendo o avanço das TIC no cotidiano escolar, buscam o desenvolvimento do pensamento crítico-criativo e a aprendizagem cooperativa, uma vez que se torna possível a realização de atividades interativas. Há grandes possibilidades de contribuição, seja na construção de saberes a partir da comunicabilidade e interações com um mundo de pluralidades, no qual diminui algumas limitações geográficas, culturais e a troca de conhecimentos e experiências pode ser constante, seja em descobrir novos tipos de relações ou inovar ao adicionar novos meios e detalhes para a criação de trabalhos, podendo torná-los inovadores.

Com isso, as TIC podem subsidiar recursos dinâmicos para a educação. Quando bem utilizadas pelos profissionais da educação, podem proporcionar a intensificação e a melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas em sala e fora dela. Entretanto, mais do que saber usá-las, devemos entender que a ferramenta tecnológica não é a parte principal no processo ensino-aprendizagem, mas um meio que proporciona a mediação entre educador, educando e saberes escolares.

As TIC na escola não devem ser vistas ou resumir a disciplina do currículo, mas devem ser incorporadas e usadas como recurso para auxiliar o professor na integração do ensino-aprendizagem. Vieira (2011, p.04) ressalta que:

[...] a implantação da informática como auxiliar do processo de construção do conhecimento implica mudanças na escola que vão além da formação do professor. É necessário que todos os segmentos da escola – alunos, professores, administradores e comunidades de pais – estejam preparados e suportem as mudanças educacionais necessárias para a formação de um novo profissional. Nesse sentido, a informática é um dos elementos que deverão fazer parte da mudança, porém essa mudança é mais profunda do que simplesmente montar laboratórios de computadores na escola e formar professores para utilização dos mesmos.

De fato, as instituições de ensino não devem se basear em apenas montar salas de tecnologias para que o ensino se dê a partir disso, isso não é o suficiente. Sabemos que, o ensino-aprendizagem intermediado pelas tecnologias pode gerar várias transformações profundas no processo de construção do conhecimento, antes, por exemplo, o recurso era o livro didático, agora vai além, o professor pode conceber ao aluno navegação em diferentes fontes de informação, possibilitando também enviar, receber e armazenar essas informações virtualmente e posteriormente usá-las para produção de novos conhecimentos.

Portanto, as TIC são vistas como necessidade e ter o conhecimento sobre elas implica em domínio e criticidade. Saber operá-las como fontes de informação, como auxílio para o professor mediar o conhecimento, como espaço de trocas e partilhas, pode transformar a visão reducionista de que os meios tecnológicos não podem somar ao processo educativo.

### **A interatividade**

Quando ouvimos falar do termo “interatividade”, logo nos remetemos ao conceito de interação, mas será que podemos utilizar o mesmo conceito para ambas as palavras?

A interação é identificada no dicionário “Aurélio” como algo que existe entre duas ou mais pessoas que se relacionam ou se comunicam entre si, já a interatividade estaria ligada à interação promovida entre máquina-homem e vice-versa. Portanto a interatividade apresenta-se como um conceito cada vez mais estudado, podendo-se afirmar que ele agora estaria em evidência, pois vivemos em um mundo informatizado que popularmente vem sendo chamado de cibersociedade. Mas, como veremos a seguir, não podemos deixar de notar que ambos os conceitos se aproximam.

A interatividade vem ao encontro do conceito de interação, mas traz um significado mais amplo, pois ele busca fazer com que haja maior reciprocidade entre receptor e emissor. A exemplo disso podemos citar um conceito de Silva (1998) acerca da interatividade. Ele diz que vem da pop art, caracterizada pela fusão sujeito-objeto, como por exemplo os parangolés de Hélio Oiticica, onde o espectador interfere, modifica e co-cria a obra com o artista.

Sob esta perspectiva, a interatividade então deixa de se preocupar e se restringir apenas ao emissor, mas oferece protagonismo ao receptor, que segundo Silva (2000, p.199) “deixará de ser passivo e se tornará ativo, ou seja, a mensagem pode ser modificada ou recriada em conjunto com o outro, assim tanto autor quanto receptor teriam poder para alterar

e acrescentar ideais ao que se foi compartilhado”. Seguindo esta mesma linha temos outro autor que contribuiu muito para a pesquisa sobre o que é a interatividade, Primo (2000), o qual traz em seus estudos dois tipos de interação, a mútua e a reativa.

Para elaborar esta teoria, Primo argumenta sobre a necessidade de mostrar a diferença entre sistemas que seriam interativos e outros que seriam apenas reativos, desta forma temos então:

Boa parte dos equipamentos hoje experimentados ou já comercializados como interativos são, na verdade, apenas reativos. Os videogames, por exemplo, solicitam a resposta do jogador/espectador (resposta inteligente em alguns casos; resposta mecânica na maioria dos outros), mas sempre dentro de parâmetros que são as ‘regras do jogo’ estabelecidas pelas variáveis do programa. Isso quer dizer que nas tecnologias reativas não há lugar propriamente a respostas no verdadeiro sentido do termo, mas a simples escolhas entre um conjunto de alternativas preestabelecidas (PRIMO, 2000, p. 26).

Assim, podemos observar então que na relação reativa não existe de fato uma interatividade intensa, pois somente o emissor dá as informações, o receptor apenas as responde de forma mecânica ao que o sistema impõe como, por exemplo, nos jogos onde as ações podem parecer interativas, mas na verdade são controladas pelas regras do jogo e controles já impostos pelo sistema. Assim, a resposta dada pelo receptor já é algo esperado, não pensada junto à máquina e muito menos se aceita alteração. “Logo, ela se caracteriza por um sistema fechado, pois todas as respostas e estímulos já estão determinadas pelo sistema” (PRIMO, 2000, p.89).

Partindo para a próxima ramificação de interação criada por Primo, temos então a mútua que “se caracteriza por ser um sistema aberto e atua na reciprocidade entre os integrantes presentes em grupo” (PRIMO, 2000, p.89). Desta forma, podemos dizer que as ideias são consideradas entre indivíduos que utilizam uma máquina para meio de interação, o sentido é mais amplo criando-se a interatividade, já que as respostas podem ser alteradas de acordo com o desejo do receptor, deixando para trás as respostas prontas e mecânicas.

É importante ressaltar que nem sempre ocorre realmente este tipo de interatividade entre integrantes de determinados grupos, pode ocorrer sim uma intimidação e a mensagem ficar apenas a cargo de um único emissor. De acordo com Silva, a interatividade está na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade – fusão e emissão-recepção -, para participação e intervenção.

Partindo destes estudos, enfatiza-se a ideia que:

REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes. ISSN 1984-6576.  
E-201930

Os fundamentos da interatividade são representados pela participação, a partir da qual é possível transformar um determinado conteúdo; pela bidirecionalidade, que permite a co-criação, não havendo distinção entre pólo emissor e receptor e potencialidade-permutabilidade, pois a comunicação permite a articulação de diversas redes, diversas conexões, permitindo uma navegação livre, autônoma, sem direção pré-definida. (SILVA, 1998, p.29)

É de grande relevância notar então, que, de acordo com Silva, interação e interatividade diferenciam-se e nos fazem refletir em que medida lidamos com a interatividade em nossos meios midiáticos. O que acontece no *Facebook*, por exemplo, muitas vezes pensamos que a interatividade é garantida a partir de uma simples e única postagem que merece discussão e problematização.

Se temos uma mesma publicação no *Facebook* que é compartilhada por um usuário e logo em seguida por outro, já temos uma possibilidade de interatividade presente, uma vez que ao compartilhar um meme, por exemplo, temos a opção de escrever o que achamos daquilo e pode-se diferenciar do que foi exibido anteriormente e assim por diante. Logo teremos a oportunidade de várias pessoas comentarem e opinarem a partir de um único *post* que poderá ser visto por mais pessoas que também poderão compartilhar e ali colocarem suas visões.

Atualmente, o conceito de interatividade vem sendo muito procurado também para fins pedagógicos, com o crescimento do ensino superior online, nos quais os docentes cada vez mais precisam interagir online com seus alunos. Weber (2017) declara que os fundamentos de interatividade também se aplicam a essa questão:

Esses seriam os fundamentos da teoria da interatividade que, transpostos para a docência online poderiam se traduzir pela construção de uma obra coletiva, não mais centrada na figura do professor/emissor, mas também centrada no aluno/receptor. A partir dessa perspectiva, a interatividade na docência online, representa a possibilidade de rompimento com uma concepção linear de aprendizagem, colocando-a diante de uma aprendizagem colaborativa, atualizada numa prática de construção de um percurso hipertextual. (WEBER, 2017, n.p).

Essa seria então uma outra maneira de docentes conquistarem a atenção dos alunos de forma que pudessem mostrar que há uma possibilidade de interação em disciplinas online, em que os alunos podem também se sentir confortáveis em debater assuntos com seus professores e pares.

A interatividade pode ser promovida em contextos com tecnologias, apresentando outras e diferentes possibilidades de diálogos entre os participantes de uma comunidade

educativa. A informação e a comunicação não se concentram apenas em uma pessoa, podendo aparecer nos contextos de ensino e aprendizagem com diversas pessoas, as quais podem debater, trocar e dialogar sobre suas experiências, estudos, pesquisas, vivências e conhecimentos.

### **Facebook: um breve histórico**

Conhecida popularmente, esta rede social *Facebook* mostrou que veio para ficar além de modernizar e revolucionar a internet, colocando abaixo até a primeira rede social existente, o Orkut, que após a chegada do “Face” – como é popularmente chamado – com muitas inovações e novidades, foi logo extinta. Em sua própria página oficial, o *Facebook* se apresenta como um serviço que tem por missão “oferecer às pessoas o poder da partilha, tornando o mundo mais aberto e interligado” (FACEBOOK, 2013a).

Seria oportuno lembrar que esta rede social surgiu dentro de uma das maiores universidades do mundo, Harvard. Sendo inicialmente intitulado *Thefacebook*, a rede social ganhou até mesmo uma adaptação cinematográfica onde se relata as partes fundamentais da história de sua criação. Teixeira (2012) nos mostra que o nome da rede social surgiu de um livro artesanalmente preparado que era utilizado por diversas pessoas da universidade de Harvard, e servia para que os universitários conhecessem seus colegas dentro da instituição. Esse livro continha fotos e algumas informações sobre cada acadêmico, ou seja, o objetivo era a interação, quer seja para conhecer os colegas de forma amistosa, quer seja para funcionar como um programa de classificação de quem era mais atraente no sentido sexual.

E esta era exatamente a finalidade pela qual foi dada a criação do *Facebook*, pois assim virtualmente a interação seria mais fácil entre os acadêmicos de diversos cursos. Por isso, inicialmente seus criadores, os acadêmicos: Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes planejaram um espaço que seria usado somente pelos universitários de Harvard.

No entanto, Arrington (2005) indica que com poucos meses já passavam de 800 instituições nos Estados Unidos que continham seus jovens conectados ao *Thefacebook*. Com o passar do tempo, a rede social crescia ainda mais, expandindo-se do universo das Universidades para o mundo inteiro, mantendo restrição de idade para maiores de treze anos. Em 2011, ela superou o Orkut que era a maior rede social no Brasil e no mundo e assim

continuou crescendo e se tornando a maior rede social do mundo. Em dados divulgados pelo *Facebook* em julho de 2018, podemos ver que, só no Brasil, o número de usuários mensalmente ativos chega a 125 milhões e, em todo mundo, possui 2,2 bilhões de usuários ativos.

Em tal contexto, de ser uma rede social criada dentro de uma universidade, será que podemos dizer então que o *Facebook* está influenciando também a educação? Será que a rede social é um recurso digital que os professores poderiam utilizar ao seu favor? Muitos pesquisadores apresentam suas ideias quanto ao assunto, por exemplo, Moreira e Januário (2014, p.78) afirmam que “O *Facebook* como recurso ou como ambiente virtual de aprendizagem possibilita que o professor reinterprete a forma de ensinar e de aprender num contexto mais interativo e participativo.” Ou seja, promove uma facilidade entre a relação professor-aluno e os próprios alunos com seus colegas, pois muitos podem preferir comunicar-se pelo *Facebook*.

Com o *Facebook*, pode-se gerar uma relação mais fácil e menos intimidadora entre os alunos com o professor, uma vez que lá, o professor poderá mostrar-se mais próximo aos seus alunos, afastando-se da imagem de mestre detentor do conhecimento, como algumas vezes é visto em sala de aula. Pode-se apresentar uma afetividade para além da sala de aula física, tornando mais fácil a comunicação entre alunos mais tímidos, por se sentirem mais “dentro de seu espaço”, mais à vontade para expressar ideias e opiniões.

Desta forma, a rede social pode ser vista como um local de aprendizagem colaborativa, onde os alunos com suas ideias ajudam o professor a expandir seus conhecimentos e suas ideias e vice-versa, estabelecendo relações de poder diferenciadas daquelas construídas verticalmente. Para Freire (2004, p.68), “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem”.

### **O *Facebook* e a educação**

O *Facebook* pode ser um local de aprendizagem e interatividade entre professores-alunos, porém há algumas complicações que podem surgir na sua apropriação educacional.

Para alguns, o *Facebook* é considerado como uma distração na aprendizagem dos seus alunos, o que faz com que sua incorporação na educação não seja muito explorada. Como apontado por Juliani et al (2012) que “na maioria das vezes as redes sociais são bloqueadas nas escolas, impedindo a socialização desses alunos no meio online”. Juliani et al (2012), seguindo a teoria de Lorenzo (2011), afirmam a necessidade de exploração das redes sociais com critérios, ética e responsabilidade para que otimizem o ensino.

Para superar a dificuldade acima elencada, é necessário que haja uma mudança de postura das instituições de ensino e educadores, que comecem por eles o olhar da possibilidade da rede social na educação. Assim, se feita alguma proposta de uso do *Facebook*, que possa ser pauta de discussão, problematização, estudo de seus prós e contras, sempre sob uma perspectiva de abrir outras possibilidades de educar-se com criticidade, colaboração e participação democrática.

Alguns autores trazem uma outra problemática em torno da vida pessoal e privada de alunos e docentes quando na utilização do *Facebook*. Pode haver um conflito de interesses ao relacionar esta rede social com a educação. Para Hew (2011, p.662), o *Facebook* possui muito pouca valia em termos educacionais, pois os estudantes utilizam esta plataforma para compartilhar assuntos mais pessoais de suas vidas e manter contato com familiares e amigos, o que pode trazer riscos à sua privacidade. Entretanto, por outro lado, pode-se notar que esta aproximação da vida real com a virtual, pode também servir para uma maior afetividade e entrelaçamento de discentes e docentes, promovendo aprendizagens colaborativas.

Talvez, uma das maiores dificuldades acerca da possibilidade da aprendizagem nas redes sociais, se dê pelo fato dela ser vista apenas como um passatempo pelos alunos. Alguns dizem que os jovens utilizam as redes apenas para se divertir e paquerar, fazer piadas com os “memes” que são muito populares hoje em dia na internet. Mas, o que eles não sabem ainda é que até mesmo os próprios “memes” podem ajudar na aprendizagem.

Quando o jovem abre seu *Facebook*, pode não abrir buscando conhecimento científico e muito menos esperando poder utilizar esta ferramenta para fins educativos, mas isso se dá pela falta de conhecimento sobre as possibilidades de aprendizagem, sobre os aplicativos escondidos dentro desta rede que podem facilitar em muito a vida acadêmica. O “*Face*” pode ser um ótimo portal para tirar dúvidas em tempo real, criar debates, divulgar notas, fazer enquetes, marcar dias de provas e receber lembretes, além de poder ter um espaço para compartilhar conteúdos e até mesmo listas de atividades.

Todas estas atividades acima listadas podem ser feitas com vários mecanismos de auxílio presentes no *Facebook* ou em aplicativos dentro da rede social. Há inúmeras ferramentas que podem ser utilizadas, mas muitos ainda não as conhecem. Como exemplos podemos citar as seguintes ferramentas: *Book tag*: cria listas de livros para leitura em um grupo específico para isso, permite também criar questionários e reflexões ao fazer comentários sobre o livro que foi lido; *Files*: permite armazenar e recuperar conteúdos em seu *Facebook*, assim poderia acessar uma apresentação em PowerPoint através do *Face*, por exemplo; *Study Groups*: permite a realização de trabalhos em grupo, colocando todos os membros do grupo em contato simultaneamente; *Flashcards*: permite criar cartões em flash para estudar no *Facebook*; *Hoot-me*: aplicação gratuita para estudantes para obter ajuda que permite localizar quem está trabalhando ao mesmo tempo e assim dividir opiniões e ideias.

Seria muito oportuno se estas potencialidades fossem reconhecidas por alunos e professores. Seria um meio de facilitar a aprendizagem e reconhecer as redes como um auxílio, pois elas se popularizaram tanto que, no Brasil, possuem um número maior de visualizações do que o serviço de e-mail. Tal informação é elencada por Lorenzo (2011) em seu livro “A utilização das Redes Sociais na Educação”. Pode-se afirmar então que seria uma evolução que atingiria um número maior de estudantes, pois nem todos checam seus e-mails todo dia, enquanto que o *Facebook* qualquer minuto sem uma atividade é motivo para acessar o aplicativo.

Outro fator oportuno para a educação, por meio das redes sociais, é a afetividade que se pode ter entre professor-aluno e é sabido que tal fator pode colaborar muito com a aprendizagem. O professor manter uma relação diferenciada com seus alunos é o que pode tornar o ensino ainda mais atraente para o educando. Além disso, o aluno sentir que o professor está mais próximo dele pode fazer com que os alunos mais quietos consigam se comunicar, descartando o medo de errar. Por isso, a afetividade que pode emergir no uso das redes para a aprendizagem pode ser um elemento somativo nas relações educacionais, ideia sustentada por Ranghetti (2002, p.87)

Sentir e viver a afetividade na educação, [...], suscita que nosso eu adentre a sala de aula, inteiro, para desvelar, dê-cobrir e sentir as manifestações presentes nas interações, relações e reações que os sujeitos estabelecem/manifestam na ação de educar. É ampliar o olhar e a escuta na tentativa de captar da expressão/comunicação destes seres o revelar do seu eu, sua inquietude, dificuldade e possibilidade que expressa na ação de aprender e de ensinar. Uma ação consciente, partilhada e envolvente, visto

que os sujeitos devem se apresentar inteiros para que esta ação seja significativa e com sentido à sua existência.

Além disso, a rede social pode dar ao educador a possibilidade de conhecer melhor seus alunos, saber o que os motiva, conhecer como se dão suas experiências humanas, como vemos a seguir:

[...] se toda ação educativa e toda aprendizagem implica em uma ação dos sujeitos que aprendem, se os saberes escolares não podem ser alheios a experiência existencial dos educandos (as), teremos que iniciar por aí, por conhecer os sujeitos. Não apenas conhecer a realidade social, econômica, política, mas como educadores conhecer, sobretudo, os educandos, quem são, como experimentam existencial e humanamente essa realidade. Em que, a realidade e até as ciências, os conhecimentos, os afeta nas suas possibilidades de se formarem como humanos. (ARROYO, 2001, p.47)

Desta forma, o educador poderá se fazer mais próximo de seu estudante, o que fará com que conheça outras formas de produzir conhecimentos e aprendizagens, auxiliando não só o contexto educacional, mas a humanização de seus participantes, encontrando meios de tratar assuntos sociais e de criar debates online.

### **Análise de dados: alguns apontamentos**

Durante todas as visitas ao *Facebook* para analisar o perfil das professoras, buscamos encontrar interatividade nas publicações compartilhadas, seja ela em imagens, textos sem imagens ou vídeos. No primeiro momento, percebemos que as publicações mais curtidas e comentadas eram feitas em imagens, seguidas pelos vídeos e por último os textos sem imagem. Com isso, compreendemos que, em geral, as pessoas tendem a observar mais as imagens, principalmente quando abrem a rede social só por alguns instantes.

Os critérios para analisar as publicações com foco na interatividade, eram escolher publicações que tivessem não só comentários, mas também compartilhamentos. Entendemos que a interatividade não ocorre somente nos comentários, mas também nos compartilhamentos, nos “likes” e reações a determinados *posts*. Além disso, buscamos publicações relacionadas apenas ao mundo acadêmico, para ver como era a relação dos jovens estudantes com este tipo de publicação.

Após escolher todas as publicações, podemos ressaltar que a DOCENTE A (nome fictício), publica muitos *posts* referentes à universidade, seja mostrando eventos em que participa, divulgando e apresentando trabalhos, viagens que faz para enriquecer suas

metodologias nas aulas, além de várias dicas sobre como elaborar um projeto científico e auxiliando com as normas da ABNT. Ao publicar fotos em que explicam como formatar um trabalho, há também dicas de eventos como palestras e oficinas que somam no conhecimento de várias áreas de ensino. Outro fator interessante, é que a docente também publica imagens de suas aulas, mostrando como foi trabalhar diversas metodologias com seus alunos. Sua vida particular também é compartilhada na rede social, o que faz com que os acadêmicos conheçam não só a professora em sala, mas como ela é fora da universidade, criando laços afetivos.

Quanto à relação dos acadêmicos para com as publicações feitas pela DOCENTE A, observa-se que há uma maior interatividade nos *posts* sobre sua vida particular, seguido logo de seus *posts* sobre viagens, fotos de suas aulas e por último nas dicas acadêmicas. Dentre os comentários, é possível notar que os alunos elogiam muito o trabalho da docente, dizendo que ela faz de suas aulas uma inspiração para inovar quando ingressarem na sala de aula. Estes elogios são levados também para sala de aula, pois ao verem no *Facebook* um *post* da professora, em sala de aula física, comentam com ela e conversam sobre as publicações, o que pode implicar em diálogos mais recorrentes entre eles.

Observando as publicações da DOCENTE B, nota-se o mesmo estilo da professora anterior. Os *posts* que mais chamam atenção são aqueles que mostram os eventos em que ela participa pela universidade e sua vida particular. Em relação aos *posts* que se referem às dicas ou aos eventos acadêmicos, quase não há uma devolutiva por parte dos alunos.

No perfil dos alunos, pode-se notar que poucos usam a rede social para assuntos acadêmicos. Dos quatro escolhidos, dois publicam assuntos relacionados ao mundo acadêmico e a seus afazeres dentro da universidade, seja o envolvimento dentro dos projetos de extensão, estágio, eventos como palestras e oficinas, publicações referentes à educação como divulgação de autores, dicas e trabalhos acadêmicos. Entretanto, apesar de tais trocas, ainda nos parece menor do que esperávamos encontrar.

Durante o processo da pesquisa, tal frustração em não conseguir encontrar a interatividade que gostaríamos entre a rede social e os assuntos acadêmicos apareceu. Poucas foram as devolutivas dos acadêmicos quando relacionadas à educação, demonstrando que o ambiente ainda é pouco reconhecido como possibilidade de otimizar o processo de ensinar e de aprender.

Por outro lado, durante a pesquisa, as professoras se mostravam atentas às publicações dos alunos, elas comentavam, curtiam, elogiavam e, algumas vezes, até compartilhavam publicações dos alunos. Isso pode ser visto como forma de incentivar os acadêmicos a continuar e lutar por sua jornada na universidade, a fim de no futuro ser um profissional de qualidade.

Um fato bem interessante, foi que durante uma de suas aulas, a DOCENTE A questionou o aluno sobre como havia sido o final de semana em uma escola em que estava em estágio. Ela disse tê-lo visto no *Facebook* e demonstrou interesse e admiração pelo fato dele estar partilhando um pouco de sua cultura com alunos de uma escola na periferia. A partir daquele diálogo, a docente articulou todo o conteúdo de sua disciplina com o que havia percebido na rede social do acadêmico, fazendo com que o processo educativo daquele momento emergisse por meio de um *post* de rede social.

É importante ressaltar que percebemos muitos comentários e algumas publicações que mostram o afeto dos acadêmicos para com as docentes, em publicações onde expressam gratidão pelos ensinamentos e admiração pela figura que o docente representa. Essa troca de afetividade nas redes sociais entre professores-alunos foi o que nos chamou atenção nos resultados encontrados nesta pesquisa.

Poder ter um olhar de acadêmica e pesquisadora, ao mesmo tempo e em dois ambientes, presencial e virtual, foi algo que nos auxiliou no processo de análise dos dados. A interatividade ocorria ora no *Facebook*, ora na sala de aula presencial, o que nos fez diminuir nossa ansiedade em querer enxergá-la em todo o tempo e lugar. Com isso, o que pareceu ser mais considerável para chegar ao resultado final é que há diferentes intensidades de interatividade nas redes sociais quando articuladas às questões acadêmicas, mas que podem ser intensificadas quando articuladas às questões afetivas.

Esta pouca interatividade pode estar ligada ao fato de não haver ainda uma cultura dos jovens em ver a rede social como algo além de passatempo e de apenas um espaço para divulgar sua vida pessoal. A rede social ainda não é vista como um meio de aprendizagem e isso não só pelos acadêmicos, mas também por muitos educadores que como já mencionado ao citar Juliani et al (2012) dizendo que nas escolas, as redes sociais são bloqueadas, pois até mesmo na universidade em que realizamos esta pesquisa, os computadores do laboratório de informática não abrem o *Facebook*. Esta visão já vem formada na cabeça do acadêmico e até mesmo de docentes, o que dificulta no processo de atribuir ao *Facebook* um olhar educativo.

Este pré-conceito em relação ao uso das mídias sociais na educação gera um impedimento em utilizar este meio nas práticas pedagógicas dos professores, os educadores não conseguem enxergar como utilizar tais meios na sala de aula de forma que não só inove nas aulas, mas que de fato haja uma aprendizagem significativa e colaborativa para os estudantes. Isso se deve ao fato de que mesmo havendo um grande crescimento nos sites de redes sociais, ainda assim muitos não acreditam no seu potencial para educar, como dito por Duffy (2011, p.229) “a expansão [desses sites] não implica, necessariamente, seu uso na Educação” (tradução nossa).

Mas é importante ressaltar que para haver uma mudança de pensamento quanto ao uso das redes sociais e uma transformação no processo pedagógico, para Moreira e Januário (2014, p. 81)

Esta realidade implica uma alteração cultural, pois obriga a repensar os papéis dos professores e dos estudantes, e a relação existente entre eles, para além das implicações a nível da planificação de cursos e currículos, sistemas de avaliações, formas de ensinar e aprender, metas a atingir. Na verdade, o papel do professor está em mudança e aproxima-se, com o apoio digital, ainda mais, dum e-moderador, ou seja, de um orientador de aprendizagens.

Com isso, pode-se perceber então que para o encaixe destes tipos de TIC no processo pedagógico, é necessário abrir os horizontes e incrementar um novo pensamento quanto as formas de educar, pois os professores passam a não ser os únicos detentores do conhecimento, no meio digital o professor é quem dá o norte para onde deve seguir a aprendizagem dos conteúdos desejados, a fim de auxiliar neste processo.

Enxergamos, por meio da pesquisa, uma outra possibilidade de ensinar e aprender, juntando as potencialidades da rede social e as relações afetivas e colaborativas entre seus participantes. Podemos notar que dentro e fora de sala os alunos se sentem mais confortáveis em dialogar com seus professores quando os conhecem melhor e podem saber que são seres humanos e também têm suas histórias, suas dificuldades acadêmicas, assim como eles.

O *Facebook* pode aproximar os docentes e discentes, porque as trocas de informações pessoais podem promover mais diálogo e inter-relações. Segundo Smolka e Goés (1995, p.9), “é através de outros que o sujeito estabelece relações com objetos conhecimento, ou seja, que a elaboração cognitiva se funda na relação com o outro”.

## Considerações finais

A presente proposta objetivou analisar os professores e alunos universitários das licenciaturas em rede social: inter-relações na cultura digital. Para alcançar a finalidade da presente pesquisa, utilizamos os referenciais teóricos como apoio para a construção de uma análise qualitativa de dados que foram coletados por meio do perfil público do *Facebook* de docentes e discentes de uma instituição de ensino superior em Mato Grosso do Sul.

Podemos tecer algumas considerações de que, atualmente, não há ainda um grande aproveitamento educativo no uso do *Facebook* para produção de outros conhecimentos. Talvez, ainda por sobrepor uma cultura restrita que ainda persiste sobre os espaços formativos: aquela em que só existe ensino e aprendizagem entre quatro paredes físicas; que considera apenas um rol de conhecimentos científicos, excluindo outros saberes; que entende uma educação sob uma perspectiva de relação sem afetos entre professor e aluno; que considera uma educação de qualidade somente aquela que se volta para exploração de conteúdos, eliminando qualquer tipo de estabelecimentos de inter-relações humano-afetivas.

Esta temática se faz necessária para que vislumbremos como as mídias sociais – tão utilizadas em nosso dia a dia – podem ou não contribuir para a aprendizagem, em como podemos utilizar outras práticas pedagógicas para propiciar a aprendizagem dos alunos que estão cada vez mais rodeados por uma dita sociedade digital.

Esta pesquisa nos permitiu abrir outros vários questionamentos: Como se daria o uso das mídias sociais dentro das escolas e universidades? E como tornar o uso do *Facebook* um aliado no processo de ensino-aprendizagem? O que levaria os alunos a conseguirem enxergar nas redes sociais um ambiente de aprendizagem? Para isto, faz-se necessário continuar investigando sobre tal temática.

## REFERÊNCIAS

ARRINGTON, M. **85% of college students use Facebook**. Tech-Crunch, 2005. Disponível em: <<http://www.techcrunch.com/2005/09/07/85-of-college-students-use-facebook>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOGDAN, R.; BLIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes. ISSN 1984-6576. E-201930

- DUFFY, P. D. Facebook or Faceblock: cautionary tales exploring the rise of social networking in tertiary education. In: LEE, M. J. W.; MCLOUGHLIN, C. (Orgs). **Web 2.0-Based E-Learning: Applying Social Informatics for Tertiary Teaching**. IGI Global, 2011.
- FACEBOOK. Key Facts. **Facebook Newsroom**, junho de 2013a. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/Key-Facts>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- HEW, K. F. Students' and teachers' use of Facebook. **Computers in Human Behavior**, v.27, 2011.
- JULIANI, D. et al. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. **RENOTE**, v.10, n.3, 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/36434/23529>>. Acesso em: 22 jun. 2019.
- LORENZO M. E. **A utilização das redes sociais na educação**. 2011. Disponível em: <<http://www.clubedeautores.com.br/book/50369>>. Acesso em: 29 jun. de 2019.
- MATTAR, J. **Web 2.0 e Redes Sociais na Educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.
- MOREIRA, J. A; JANUÁRIO, S. Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs). **Facebook e Educação**. Publicar, curtir, compartilhar. EDUEPB, 2014.
- PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista Farmecos**. Jan. 2000, n.12.
- RANGHETTI, D. S. Afetividade. In: FAZENDA, Ivani. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Marco. **Que é interatividade**. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, maio/ago. 1998.
- SMOLKA, Ana Luisa Bustamante; GÓES, Maria Cecília. (Orgs.). **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. São Paulo: Editora Papirus, 1995
- TEIXEIRA, Carlos Alberto. A Origem do Facebook. **O Globo**, 2012. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/a-origem-do-facebook-4934191>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- VIEIRA, Rosângela Souza. **O papel das tecnologias da informação e comunicação na educação: um estudo sobre a percepção do professor/aluno**. Formoso - BA: Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), 2011. v. 10.
- WEBER, Aline. **Afinal, o que é interatividade?** Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://revistapontocom.org.br/edicoes-antiores-artigos/afinal-o-que-e-interatividade>>. Acesso em: 15 nov. 2018.